

“Parasitismo e degeneração” na América Latina: os conceitos biologizantes de Manoel Bomfim

Ivan Paulo Silveira Santos*

“Parasitism and degeneration” in Latin America: the biologizing concepts of Manoel Bomfim

Resumo

A elaboração de sua visão histórico-social da América Latina, Manoel Bomfim fez através do arcabouço teórico do Evolucionismo. Assim, o autor alude às problemáticas do continente por analogias de referência biológica, aspecto característico do pensamento social da transição do século XIX para o XX. Por meio desses comparativos, Bomfim refletiu a respeito do que chamou de males de origem, ou seja, buscou compreender a América Latina. Considerou, então, que as razões do atraso da região tinham origem histórica no processo da colonização europeia, a partir do século XV. Ao chegar a este cerne da questão, Bomfim se singulariza de grande parte dos seus contemporâneos. Ao apontar soluções para aquelas questões, criticava alguns elementos de caráter racial. Assim, buscou Bomfim uma nova identidade para a América Latina.

Palavras-chave: Identidade; Evolucionismo; Manoel Bomfim.

Abstract

Manoel Bomfim through the theoretical framework of Evolutionism did his historical-social vision of Latin America. This way the author alluded to the problems of the continent through analogies of biology's reference, a very common characteristic of the social thought of that epoch: transition nineteenth to the twentieth century. Bomfim through these comparisons did think about “evils of origin” second his words and so tried to understand the elements of Latin America. Then, he considered that the reasons for the region's backwardness were of historical origin in the process of European colonization, beginning in the fifteenth century. When Bomfim made it he became different of the most of his thinkers in his epoch. Beyond it, his solutions to Latin America problems had critics to some elements of racial character. This way, Bomfim tried for a new identity to Latin America.

Keywords: Identity; Evolutionism; Manoel Bomfim.



* Graduado em História Licenciatura Plena - UFS / Mestre em Sociologia - UFS / Prof. do Ensino Básico da Rede Pública Estadual - SEDUC/SE

Introdução

O objetivo deste artigo é discutir e analisar alguns conceitos teóricos utilizados por Manoel Bomfim em sua obra inaugural: *A América Latina: males de origem*, de 1905. Esses conceitos são bem sintetizados nas expressões *parasitismo* e *degeneração*, utilizadas pelo autor. São fundamentais não só para a compreensão dessa primeira publicação de Bomfim, mas também para o entendimento do desenvolvimento do pensamento do autor, sua formação e contexto. Esse último, em especial, terá distintiva atenção neste artigo. Isso porque há uma singular ligação do autor com seu contexto na perspectiva tanto de afirmação quanto de contestação dos referenciais teóricos característicos do período. Alguns desses referenciais foram utilizados por Bomfim tanto em razão da sua formação médica quanto das tendências teóricas da sua contemporaneidade. Aqueles conceitos demonstravam claramente o objetivo que Bomfim buscava com sua análise sobre o continente latino-americano: refletir sobre as problemáticas da América Latina. O autor, a partir do que compreendia como as origens fundamentais de um vasto conjunto de questões latino-americanas, procurou criticar perspectivas analíticas preconceituosas e pseudo-científicas e propor solução. Essa perspectiva significava a propositura da construção de uma identidade para o continente latino-americano, em geral, e para o Brasil, em particular, diversa daquela que os princípios raciais determinavam.

A análise será empreendida através de uma breve, mas essencial revisão de literatura sobre a história do pensamento social, em especial, da América Latina. Revisão essa já acompanhada das reflexões entre as características daquele pensamento social e o de Manoel Bomfim. Isso a fim de estabelecer tanto as correspondências quanto as singularidades das concepções do autor em relação ao seu contexto. Para tal finalidade alguns autores e respectivas obras são fundamentais. Para uma possível compreensão da história e das características do pensamento social latino-americano, há referência de Octavio Ianni (1971) – *Sociologia da Sociologia Latino-Americana* e de Ignácio Sotelo (1975) – *Sociologia da América Latina*. Ambos autores são próximos em suas análises quanto a perspectiva de que o pensamento social, no período de Manoel Bomfim, estava basicamente preocupado em compreender as razões que explicariam a posição subalterna da América Latina. Essas reflexões eram bastante influenciadas por paradigmas teóricos europeus e/ou estadunidenses e, em geral, fortemente alicerçadas por conceitos raciais.

Semelhante ponto de vista possui Enno D. Liedke Filho (2005), em seu artigo – *A Sociologia no Brasil: história, teorias e desafios*. Além de centralizar sua análise no Brasil, Liedke F.^o (2005) se particulariza, em relação a Ianni (1971) e Sotelo (1975), por observar que havia uma preocupação



daquele pensamento social, contemporâneo de Bomfim, com a formação do Estado nacional brasileiro. Havia, então, a tenta de definir uma identidade nacional, porém a partir de uma visão preconceituosa de caráter racial. Quem segue parecida perspectiva de estudo de identidade nacional é Renato Ortiz (2006) – *Cultura brasileira e identidade nacional* – e Dante Moreira Leite (1983) – *O caráter nacional brasileiro*. Analisam os autores essa questão em relação à sociedade brasileira. O primeiro, em particular, cita Manoel Bomfim, já que concebe o autor como uma referência em tal temática. O segundo trata a questão da identidade nacional em uma perspectiva, ao centralizar o Brasil, histórica, em si, como um processo que dá origem aos nacionalismos. Esse movimento necessitava de um respaldo para criar uma imagem de como seria aquele Estado e aquela nação, ou seja, como se criaram identidades de caráter nacional.

Por fim, Lilia Moritz Schwarcz (1999), em seu texto – *Questão Racial e Etnicidade*. A autora também dá uma ótica sobre o pensamento social brasileiro, mais particularmente embasada em argumentações sobre a evolução desse pensamento social sobre a questão raça. A autora assim o faz porque entende que a questão racial é um ponto nevrálgico de compreensão da sociedade brasileira, mais ainda na transição entre os séculos XIX e XX.



O autor, seu ponto de vista e o contexto do pensamento social latino-americano

A partir dos conceitos biologizantes – *parasitismo* e *degeneração* – Manoel Bomfim traçou um espectro do conjunto das questões latino-americanas e o caráter marginal do continente em relação ao centro economicamente dinâmico do mundo na época. Nessa análise de caráter histórico-social, o autor faz associação àqueles termos da Biologia. O *parasitismo* é na condição a qual um determinado ser se beneficia de outro, provocando prejuízos no seu hospedeiro. Em situações extremas, esse prejuízo pode ser até a morte. Daí, o parasita ser, em geral, considerado como *degenerado*, que é um ente que declinou de sua condição original. A partir de tal de linha de pensamento, associando conceitos biológicos a aspectos histórico-sociais, Manoel Bomfim buscou, então, as razões do atraso latino-americano¹.

A resposta para a problemática latino-americana estaria no fato de ser um continente que passou por uma colonização altamente espoliadora europeia, que deixou marcas profundas. A colonização foi, por con-

1 AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: ANPOCS; Topbooks, 1999. Ver também ALVES FILHO, Aluizio. *Pensamento político no Brasil: Manoel Bomfim, um ensaísta esquecido*. Rio de Janeiro: Achiamé; Socii, 1979.

seguinte, o *parasitismo* praticado pelos europeus em relação às nações americanas. Já a *degeneração* foi a consequência deixada nas colônias por aquele processo. Tal processo surgiu, para Bomfim, em razão da própria evolução histórica da formação da Península Ibérica, a partir das intensas lutas contra os muçulmanos. Esse processo conferiu aos ibéricos uma tendência guerreira e aventureira. Assim sendo, segundo o autor, a maneira de ser daquelas populações ibéricas, por conseguinte, estava fortemente ligada a um conjunto intenso de conflitos, sendo esses de grande teor ideológico religioso cristão. Afinal, a chamada *Reconquista* foi uma série de Cruzadas da cristandade contra os muçulmanos. Espanhóis e portugueses teriam evoluído, desta feita, enquanto nações destemidas, sem receios aos reveses da aventura e profundamente místicos, de um arraigado cristianismo².

Aquele dito espírito de arrojo de portugueses e espanhóis foi posto à prova novamente com as Navegações dos séculos XV e XVI. Porém, essa odisséia em particular, permitiu aos países ibéricos acesso a uma fonte quase inesgotável de riquezas. Através da exploração de tais recursos, as nações ibéricas conduziram, durante os séculos seguintes, aquilo que Bomfim denominou de *parasitismo*. Esse fato, controversamente, segundo o autor, resultou na ruína daqueles países peninsulares. Tal qual um parasita, os conquistadores não sobreviveriam por seus próprios meios, mas da exploração de outros. Os peninsulares passaram a depender da exploração colonial. Os portugueses e espanhóis, em consequência, degeneraram para aquele ser *declinado*, já que não mais obtinham sua própria reprodução sem a espoliação de suas colônias americanas.

Para Bomfim, então, Portugal e Espanha (as nações Ibéricas), colonizadores das Américas, seriam um parasita como o “*Chondracanthus Gibbosus*”³. Uma criatura que basicamente sobrevive de sugar outros seres. Porém, em estudos mais detalhados a respeito, percebeu-se que o molusco, em si, não era um parasita, mas se tornou um. A transformação ocorrera em razão da facilidade de se obter a sobrevivência através da exploração de outros seres. Logo, o *Chondracanthus* tornou-se um parasita por um *vício*. Aspecto de característica fisiológica que indicaria, por exemplo, uma dependência química. Porém, ganha aquela interpretação mais social de um aspecto de um ser moralmente declinado, de ações fortemente questionáveis. Isso em razão de não mais buscar meios próprios de sobrevivência. Assim, o *Chondracanthus* degenerou-se em um ser inferior. Por comparação, Portugal e Espanha também degeneraram quando colonizaram a América tal qual o parasita⁴.

2 BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

3 BOMFIM, Manoel. Op. Cit. p. 62.

4 BOMFIM, Manoel. Op. Cit.



Como o *Chondracanthus Gibbosus*, os espanhóis e portugueses degeneraram em razão do *vício* da exploração, pois não saberiam mais obter sua sobrevivência de outra maneira. O parasita é, em si, um ser limitado à sua necessidade de tirar proveito de outros seres. Tal exploração, logo, torna-se a razão da existência do parasita, afinal, para sobreviver, aquele ser vivo precisa se fixar em outro e sugá-lo. Em certa medida, o hospedeiro sofre danos irreparáveis ou até morre. Daí, o parasita precisa achar outro hospedeiro para sobreviver, dando continuidade assim ao seu *vício*. Ao colonizarem boa parte da América, os ibéricos exploraram agressivamente esses territórios. Tal prática predatória, por conseguinte, tornou-se a própria razão de ser daquelas nações peninsulares ibéricas. Aqueles respectivos estados se organizaram em torno da própria prática da exploração colonial. Na comparação realizada com o parasita, eles não buscaram mais sua sobrevivência por seus próprios esforços. Adotaram, portanto, o *parasitismo* e, por tê-lo feito, igualmente àquele ser vivo, degeneraram.

A *degeneração* e o *vício* têm uma consequência: a *herança*. O parasita lega aos seus descendentes suas características. Uma vez transformando-se em um parasita, o *Chondracanthus* degenera e transmite essa característica aos seus descendentes. De semelhante forma, as nações ibéricas transmitiram às suas colônias os seus *vícios* e, por conseguinte, suas características degeneradas⁵. Novamente, em uma perspectiva comparativa de caráter histórico-social, isso significa que portugueses e espanhóis, através da exploração colonial, disseminaram aquele *vício* parasitário às nações latino-americanas. Em virtude dos séculos de espoliação colonial, as sociedades da América Latina voltaram-se a características conservadoras, ou seja, Estados pouco dinâmicos, centrados em atividades predatórias, por vezes, as mesmas implantadas pelos colonizadores ou bastantes assemelhadas⁶. Um exemplo característico seria o açúcar, introduzido pelos portugueses no Brasil, ou mesmo o café que, embora tenha surgido já no período Imperial Brasileiro, seguia basicamente o modelo da *plantation* colonial. Em uma perspectiva econômica, adotaram-se atividades agroexportadoras, que, em geral, eram caracterizadas como de menor valor agregado e usualmente traziam poucas divisas com habitual oscilação de preço nos mercados. Logo, portugueses e espanhóis transmitiram um modelo de produção ultrapassado, que as nações latino-americanas mantiveram por *vício* de origem⁷.

Situação semelhante a que se deu no aspecto econômico, ocorreu também no social, houve uma *herança* negativa. As sociedades coloniais, em

5 Idem. Ibid.

6 Idem. Ibid.

7 BOMFIM, Manoel. Op. Cit.





geral escravistas, mantiveram por algum tempo esse modelo de mão de obra. Isso aconteceu apesar do avanço de forças produtivas capitalistas que demandavam por mais mercados e, conseqüentemente, por trabalho livre-assalariado. Logo, a *herança* deixada na América Latina pela colonização ibérica representava-se por sociedades conservadoras, racistas, altamente exploradoras e elitistas. Essas sociedades eram bastante parecidas com o próprio modelo introduzido por portugueses e espanhóis em seus respectivos processos de conquista colonial. Esse resultado formou sociedades igualmente *parasitárias* e *degeneradas*. Eram sociedades, em diferentes escalas, *conservantistas*, pois estavam fortemente ligadas às tradições dos *vícios* implantados pela conquista e exploração coloniais. Tais *vícios* foram *herdados* por uma camada social elitizada dos conquistadores. Esse processo foi reproduzido, pois significava a continuidade de privilégios. Quer dizer, os peninsulares ibéricos legaram às sociedades latino-americanas a *degeneração* pelo *vício parasita* da exploração colonial, da espoliação predatória de riquezas⁸.

Para Manoel Bomfim, a América Latina era uma região atrasada em razão de os Estados ali surgidos serem egressos de cruéis sistemas de exploração colonial. Tais sistemas não apenas impuseram a exploração em si. Essa característica foi transmitida e recriada por aqueles países do continente latino-americano pós-independências. Os grupos socioeconomicamente privilegiados da região, por conseguinte, apreenderam e reproduziram ao seu modo aqueles modelos coloniais. Então, Bomfim, em suas análises, buscava causas que explicassem essas características latino-americanas. Essa perspectiva não era específica em si do autor, na verdade, ela era uma tendência da época em relação ao pensamento social que foi desenvolvido, assim o compreenderam e analisaram Ianni (1971) e Sotelo (1975), em suas respectivas abordagens⁹. Para autores, as características daquele pensamento social latino-americano contém uma preocupação com a ideia de *desenvolvimento* (esse em sentido mais atual). Seria patente uma relação de marginalidade da América Latina em relação aos centros economicamente dinâmicos do mundo. Em consequência, as Ciências Sociais buscariam, através de suas reflexões, explicações e soluções para o dito atraso do continente. “*Uma sociologia latino-americana teria que ser, sobretudo e antes de tudo, uma sociologia do desenvolvimento da América Latina*”¹⁰.

Em outras palavras, há uma consciência de que o continente latino-americano tem particularidades, em diversos aspectos. No entanto, algumas dessas especificidades desqualificariam o continente, deixando-o

8 Idem. Ibidid.

9 IANNI, Octavio. *Sociologia da Sociologia Latino-Americana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971; ver também SOTELO, Ignacio. *Sociologia da América Latina*. Org. Fanny Tabak. Trad. de José Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Pallas, 1975.

10 SOTELO, Ignacio. Op. Cit. p. 20.

alguém de suas potencialidades. “A instabilidade política, o atraso social e econômico, a incapacidade prática de encontrar soluções adequadas conduziram o intelectual aos estudos sociais e sociológicos”¹¹. No entanto, esses intelectuais, na busca pela compreensão das problemáticas regionais, utilizaram-se, essencialmente, de modelos teóricos europeus e estadunidenses. Ianni (1971), por exemplo, salienta que, em virtude das multiplicidades de questões e das dissidências de interesses, a sociologia latino-americana se dividiu em *dilemas teóricos* de maior e menor pertinência.

“Muitos difundiram-se na América latina, provenientes de centros científicos de grande prestígio, da Europa e da América do Norte. Em certos casos, os dilemas são mal postos; outras vezes, falsos. [...] houve e continua a haver uma transferência, em certos casos pura e simples da problemática de outros países para as nações latino-americanas. Alguns estudos sobre relações raciais, por exemplo, revelam essa tendência. Independentemente da qualidade e importância às vezes excepcional dos trabalhos produzidos em torno desse tema, é inegável que a problemática conformou-se a preocupações e estilos de abordagem considerados satisfatórios em outros países”¹².



No período de Bomfim, aqueles *dilemas teóricos* alicerçavam-se em paradigmas raciais, criados para justificar um Imperialismo Europeu. Alguns desses paradigmas foram desenvolvidos pelo Darwinismo Social. As análises que esse modelo de pensamento empreendia, com base em correspondências com elementos da Biologia, egressos do Evolucionismo, implicavam a afirmação de uma suposta *inferioridade* latino-americana por conta de sua presumida composição racial *mestiça e degenerada*. Esta característica de se adaptar os princípios do Evolucionismo no campo das relações humanas foi bastante influente no Brasil do século XIX para o XX. Os dois autores mais lidos no País, naquele período em particular, foram Haeckel e Spencer. Em razão de algumas concepções distintas entre os autores, eles representavam certa distinção em relação ao Darwinismo Social¹³.

Pelo já exposto, conseqüentemente, é possível afirmar que Manoel Bomfim, em si, não divergiu da tendência de sua contemporaneidade, pois se utilizou de paradigmas biológicos para as suas análises; característica, segundo Liedke Filho (2005), própria do período *pré-científico* do pensamento social latino-americano. Esse momento marcado por “(...) ideias

11 Idem. Ibid.

12 IANNI, Octavio. Op. Cit. p. 11 e 26.

13 LIEDKE FILHO, Enno D. A Sociologia no Brasil: história, teorias e desafios. In: *Sociologias*. Porto Alegre, ano 7. n.º 14. jul/dez 2005. p. 376-437.

*filosófico-sociais europeias ou norte-americanas, (...) o positivismo de Comte, o evolucionismo de Spencer e Haeckel e o determinismo biológico de Lombroso*¹⁴, por exemplo. Para Liedke F.^o (2005), a partir de tais referências, os pensadores sociais brasileiros refletiram a respeito da formação e identidade do Estado nacional do Brasil em uma perspectiva, em geral, racista¹⁵. Afinal, o Darwinismo Social (um grande expoente daquele pensamento europeu) sentenciava as nações do continente sul-americano a uma condição de marginalização. Tal segregação era alicerçada por aqueles princípios do pensamento europeu que induziam à ideia de que a Europa e os europeus representariam a *Civilização* (ou o centro dinâmico do mundo) por serem constituídos por *raças superiores*.

Seguindo aquelas características do pensamento social latino-americano, Manoel Bomfim, a princípio, pondera a respeito da subalternidade da América Latina. Em consequência a tais ponderações, o autor assevera um caráter deficitário da região. Assim como seus congêneres, Bomfim buscou os referenciais de uma ciência europeia. Porém, ele próprio afirmava que compreendia a América Latina de uma maneira superficial e estereotipada¹⁶. Utilizou-se o autor de meios teóricos oriundos da Biologia, mais particularmente do Evolucionismo de Charles Darwin. Isso porque o comportamento dos seres vivos na natureza, conforme se observou, era compreendido comparativamente como semelhante às relações sociais. As sociedades reproduziriam comportamentos da natureza não simplesmente porque seriam parte dela, mas porque a natureza criaria suas relações como se fossem *Leis* tais quais a da Física, por exemplo. As *Leis* da Física explicam e determinam o comportamento dos astros e a dinâmica de certos fenômenos naturais, já o Evolucionismo demonstraria o comportamento dos seres vivos. Então, essas *Leis*, por associação e comparação, foram utilizadas para se compreender e refletir sobre as esferas sociais.

A singularidade de Manoel Bomfim, no entanto, residia na veemente discordância em como o referencial biológico era utilizado. Em geral, esse referencial biológico dava suporte a uma suposta prova irrefutável de presumíveis incapacidades inatas dos latino-americanos em relação aos europeus. Para Bomfim, não faltariam a tais populações habilidades, faltaria instrução¹⁷. Em outras palavras, os latino-americanos careceriam de uma melhor preparação em relação às técnicas, por exemplo, de produção, de trabalho, de atividades científico-acadêmicas. Consequentemente, a perspectiva do autor era diversa de vários outros intelectuais do seu período, pois Bomfim se utilizava do Evolucionismo, mas em um viés próprio.

14 LIEDKE FILHO, Enno D. Op. Cit. p. 377.

15 LIEDKE FILHO, Enno D. Op. Cit.

16 BOMFIM, Manoel. Op. Cit.

17 BOMFIM, Manoel. Op. Cit.

Manoel Bomfim se insere no interior de grandes marcos que delimitam as fronteiras do pensamento da época – Comte, Darwin, Spencer. No entanto, sua interpretação desses autores é *sui generis* e se opõe às combinações brasileiras que absorvem o evolucionismo aos parâmetros da raça e do meio. [...] Para explicar (a) posição peculiar (da) América Latina, Manoel Bomfim recorre às teorias de Comte, mas retém em particular sua comparação entre a sociedade e os organismos biológicos. Seu instrumental teórico pode ser resumido através dos seguintes pontos: 1) as sociedades existem como organismos similares aos biológicos; existem leis orgânicas que determinam a evolução; 3) a análise da nacionalidade depende do meio em ação combinada com seu passado¹⁸.

Já o pensamento social desse mesmo momento vê as questões latino-americanas como um problema de uma herança inata. Os intelectuais do período, seguindo cânone europeu para interpretar as sociedades latino-americanas, produziram *falsos dilemas teóricos*. Tais dilemas tornaram-se bastante evidentes, por exemplo, no Brasil, com a Tese do Branqueamento. Ela previa a vinda de estrangeiros brancos europeus para o País a fim de se *melhorar a raça brasileira* através da miscigenação. Acreditava-se que, a partir dessa iniciativa, em algumas gerações, a nação brasileira seria branca e, logo, apta à *Civilização*. Em consequência, Manoel Bomfim criticava características do pensamento social latino-americano, respaldadas em modelos europeus, que produziram ideias como o Branqueamento, por exemplo. Buscava, assim, o autor mais do que uma reflexão sobre a América Latina. Sua proposta era a construção de uma distinta identidade para o continente e para o Brasil. Afinal, nesse período de transição do século XIX para o XX, os nacionalismos europeus se afirmavam dentro de perspectivas que proclamavam o Imperialismo dos países do Velho Mundo. Já os nacionalismos dos países latino-americanos foram desenvolvidos a partir dos processos de independências daquelas mesmas nações europeias. À vista disso,

[...] nacionalismo dos países sul-americanos, frequentemente defensivo, isto é, desenvolvido como simples processo de afirmação nacional diante do Imperialismo. Mas ainda aqui, esse nacionalismo saudável é apenas forma de oposição ao expansionismo de outros países, [...].¹⁹.

18 ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 22-23.

19 LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: História de uma Ideologia*. 4.^a ed. definitiva, com introdução de Alfredo Bosi. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1983. p. 11.



Na Europa, usualmente, a afirmação dos nacionalismos significou a ascensão de uma burguesia com base em um liberalismo econômico. Os estados nacionais em si ainda não existiam. Era preciso criar formas de identificação entre os indivíduos através de hipotéticas raízes históricas ou mesmo míticas. O racismo completava a agenda por afirmar o *status* daqueles estratos sociais privilegiados, justificando uma dominação branca. Essa dominação essa amparada não necessariamente nas diferenças entre os indivíduos em si, mas nas que a natureza, supostamente, produziu. Essas diferenças segregavam as pessoas, sendo que tal segregação se baseava em fundamentos pretensamente científicos, os quais se utilizavam do Evolucionismo de Darwin como suporte²⁰.

Desta feita, Manoel Bomfim buscou uma identidade distinta para as nações latino-americanas porque não as via em direta associação aos modelos europeus. Ao contrário, tais modelos, grandemente, serviriam para justificar poderes, privilégios sociais (de diversas ordens) e discriminações. Isso, em plano mais internacional, acontecia com o objetivo de afirmar o expansionismo imperialista europeu do século XIX e, em outro plano mais regional, afirmar estratos sociais elitizados latino-americanos à procura de manter privilégios sociais. As análises de Bomfim são uma crítica a todos esses aspectos e uma tentativa de apresentar soluções para problemáticas do continente latino-americano.

Considerações finais

O pensamento social da transição do século XIX para o XX foi fortemente alicerçado em uma ótica racial. A influência do Evolucionismo de Charles Darwin deu a esse pensamento uma forma de análise um tanto organicista. Categorias como raça e meio tornaram-se elementos fundamentais para reflexão e compreensão das sociedades. A analogia com fatores biológicos serviram não só como princípios, mas também como elementos de uma pretensa prova científica. Afinal, o entendimento era que o Evolucionismo encontrara leis que regeriam a natureza e a vida, em consequência, conduziriam, semelhantemente, as sociedades.

Tal modalidade de pensamento foi particularmente útil às nações imperialistas europeias daquele mesmo período. Isso ocorreu, em grande medida, em virtude de argumentar que haveria uma divisão em raças. Essas raças, através de várias características, poderiam ser mais evoluídas do que outras. Quer dizer, a humanidade era distinguida em tipos diversos e aqueles considerados inferiores, por essa pseudociência, eram conse-

20 LEITE, Dante Moreira. Op. Cit.; ver também SCHWARCZ, Lília Moritz. Questão Racial e Etnicidade. IN: *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. MICELI, S (Org.). São Paulo: Sumaré: ANPOCS; Brasília, DF: CAPES, 1999. p. 267-325.



quentemente segregados. Esse elemento era a base de justificação ideológica do Imperialismo Europeu, pois se dizia não uma conquista, mas um ato de se levar o desenvolvimento para aqueles grupos considerado, inatamente, menos qualificados.

Manoel Bomfim vivenciou e desenvolveu suas análises justamente nesse contexto. Dessa conjunção, o autor internalizou e se utilizou largamente do Evolucionismo. Sua visão histórica e, em particular da América Latina, era fundamenta em correspondências entre princípios e elementos sociais, característica conexão entre o contexto e a formação médica de Bomfim. Desta feita, compreendia o autor que as condições históricas e sociais da América Latina eram um resultado de uma espécie de processo assemelhado ao dos organismos vivos.

O continente latino-americano era uma periferia. Condição justificada pela ideia de que a região era formada por aqueles grupos considerados racialmente inferiores. No entanto, a leitura de Manoel Bomfim era de que as graves questões latino-americanas eram oriundas da herança da colonização europeia na região. Para tal análise, partia o autor de pressupostos evolucionistas, utilizando-se de analogias biológicas. Os conquistadores europeus seriam como parasitas que infectaram, através da colonização, os latino-americanos. Como herança desse processo, deixaram uma região atrasada, com uma população atavicamente, por conseguinte, incapaz de atingir níveis mais elevados de progresso.

Destas assertivas de Manoel Bomfim é perceptível sua inserção e singularidade em relação ao pensamento de sua contemporaneidade. Por um lado, busca o autor os referenciais em voga no período, por outro, os critica quando vaticinam uma condição de subalternidade contínua para a América Latina. Assim, quebra, em parte, os paradigmas da época ao condenar os elementos mais reacionários dos princípios de caráter racial, o que faz, em outras, através da proposição de afirmação das nações latino-americanas. Essas populações teriam, apenas, em consequência, não uma inabilitação inata, mas o despreparo resolúvel por meio da instrução. Sendo assim, Bomfim propunha que as nações latino-americanas constituíssem um caráter próprio não necessariamente representado por modelos europeus.

